

Moagem desacelera com encerramento da safra em parte das usinas

Prof. Dr. Marcos Fava Neves

Vinícius Cambaúva

Beatriz Papa Casagrande

Rafael Barros Rosalino

Nosso boletim mensal em parceria com a Assocana começa destacando:

NA CANA, no acumulado da safra 2025/2026 até 1º de dezembro, a moagem alcançou 592,27 milhões de t, recuo de 1,9% frente às 603,86 milhões de t registradas no ciclo anterior. Somente na 2ª quinzena de novembro, o processamento somou 16,0 milhões de t, volume 21,1% menor que o observado no mesmo período da safra 2024/2025 (20,27 mi de t) de acordo com a UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

A safra 2026/27 do Centro-Sul deve ter reação na oferta de cana, com a moagem podendo chegar a 635 milhões de t, movimento atribuído principalmente ao aumento da área de cana-planta e à expectativa de condições climáticas mais próximas da normalidade, segundo estimativa do Pecege. Na leitura da instituição, esse “rebote” vem depois de uma temporada 2025/26 estimada em torno de 609,6 milhões de t e estaria apoiado em uma melhora gradual dos indicadores agrícolas: o TCH (t de cana por ha) projetado para cerca de 77,2 t/ha (+3,4%), com indicação de que o ATR médio também tende a avançar.

NO AÇÚCAR, a fabricação somou 724,1 mil t na segunda quinzena de novembro, queda de 32,9% em relação ao mesmo período do ciclo anterior (1,1 milhão de t). No acumulado da safra, a produção do adoçante totalizou 39,9 milhões de t, ligeiramente acima do valor registrado no ano passado (39,5 milhões).

O relatório mais recente do USDA para o mercado do açúcar destaca que o balanço global em 2025/26 tende a ficar mais folgado, com a produção

mundial projetada em 189,3 milhões t (alta anual de 8,3 milhões t), puxada pelo Brasil e Índia, o que deve elevar a disponibilidade e aumentar os estoques finais globais (estimados em 44,5 milhões t). Nesse cenário, o Brasil aparece como a principal âncora de oferta e exportação: com produção projetada em 44,4 milhões t (+700 mil t), com melhor rendimento por clima favorável, o que sustenta exportações previstas em 35,7 milhões t. Ao mesmo tempo, a queda de produção na União Europeia (para 15,5 milhões t) e a recomposição de oferta na Ásia (Índia e Tailândia) redesenharam a competição nos destinos, abrindo espaço para o Brasil em mercados onde a UE recua.

NO ETANOL, no acumulado da safra, o total produzido chegou a 29,5 bilhões de litros, representando retração de 5,4% em relação ao ciclo anterior. Deste volume, 18,3 bilhões correspondem ao hidratado (-7,9%) e 11,2 bilhões ao anidro (-1,2%). A produção de etanol de milho, desde o início da safra foi de 6,0 bilhões de litros, avanço de 15,1% sobre 2024/2025. Os dados também são da UNICA.

As vendas de etanol somaram 2,7 bilhões de litros em novembro. O etanol anidro cresceu 2,4% (1,1 bilhão de litros), enquanto o etanol hidratado registrou queda de 13,8% (1,6 bilhão de litros). No mercado interno, foram comercializados 1,6 bilhão de litros de hidratado (-11,1%) e 1,0 bilhão de litros de anidro (+7,6%). No acumulado da safra, as vendas alcançaram 23,3 bilhões de litros (-2,4%), sendo 14,5 bilhões de hidratado (-6,1%) e 8,8 bilhões de anidro (+4,4%).

VALOR DO ATR: com o assunto ainda em discussão, não houve atualização para os preços do Açúcar Total Recuperável (ATR) pelo Consecana. Nossa expectativa é de que o ATR feche a safra atual ao redor de R\$ 1,10-1,15/kg, com esta queda recente no etanol.

Os cinco fatos da cana para acompanhar em janeiro:

1. Acompanhar a consolidação do fechamento da safra 2025/26, com dois terços das unidades já encerradas até o início de dezembro. Vamos ficar atentos no volume total da moagem (que já vinha abaixo do ano anterior) e o quanto as perdas de produtividade (TCH) e a pressão no ATR ficarão no acumulado, mesmo com melhora pontual no fim da colheita.

2. Mix mais alcooleiro e impacto na oferta/exportação de açúcar. Com o mix já deslocado para etanol (sequência de altas na destinação), é preciso observar se essa escolha se mantém e como isso se traduz em produção final de açúcar, ritmo de embarques e formação de preços no físico. Como o pano de fundo global segue com expectativa de superávit (USDA/Itaú BBA) e preço internacional em patamar baixo para o adoçante, o mercado deve continuar sensível.

3. No momento, há menor oferta de etanol de cana e suporte do etanol de milho (em crescimento, mas insuficiente para folgar o balanço). No início de dezembro (01/12), os estoques de etanol do Centro-Sul estavam em 8,7 bilhões de litros, 17% abaixo do observado um ano antes, sustentando preços mais firmes. Ao mesmo tempo, o petróleo voltou a subir com o anúncio dos EUA de bloqueio a navios/tanqueiros sancionados ligados ao óleo venezuelano, elevando a percepção de risco de oferta e empurrando Brent e WTI para altas de cerca de 2% em um único pregão. Precisamos acompanhar esses desdobramentos para saber o comportamento dos preços do etanol.

4. No açúcar, com o Centro-Sul mostrando resiliência e revisão de safra que mantém a produção brasileira firme e boas projeções para o Hemisfério Norte (colheita da Rússia praticamente encerrada e volumes maiores), o mercado volta a olhar para um superávit global estimado em 2,7 Mt em 2025/26. Nesse cenário, o que vale monitorar de perto é: bom ritmo de produção na Índia após o efeito de antecipação; confirmação do balanço tailandês e mexicano conforme a moagem; e o comportamento do etanol no Brasil (paridade, demanda e decisão de mix), porque é ele que passa a funcionar como válvula de escape do açúcar.

5. De olho na safra 2026/27: plantio/renovação, investimento e clima. O mercado passa a precisar o quanto a próxima temporada pode reagir. Com estimativas apontando moagem potencial na casa de 635 milhões t em com maior área de cana-planta e expectativa de normalização climática, é importante validar se essa recuperação irá se concretizar.

Marcos Fava Neves é professor Titular (em tempo parcial) da Faculdade de Administração da USP (Ribeirão Preto - SP) e da Harven Agribusiness School (Ribeirão Preto - SP). Sócio da Markestrat Group. É especialista em Planejamento Estratégico do Agronegócio. Confira textos e outros materiais em DoutorAgro.com e veja os vídeos no Youtube (Marcos Fava Neves).

Vinícius Cambaúva é associado na Markestrat Group e professor na Harven Agribusiness School, em Ribeirão Preto - SP. Engenheiro Agrônomo pela FCAV/UNESP, mestre e doutorando em Administração pela FEA-RP/USP. É especialista em comunicação estratégica no agro.

Beatriz Papa Casagrande é consultora na Markestrat Group, aluna de mestrado em Administração de Organizações na FEA-RP/USP e especialista em inteligência de mercado para o agronegócio.

Rafael Barros Rosalino é consultor na Markestrat Group, médico veterinário pela FCAV/UNESP. É especialista em inteligência de mercado para o agronegócio.